

Direção e Comando Supremo da Segunda Guerra vistos por Ludendorff

Gil Cordeiro Dias Ferreira*

O artigo debate o pensamento e as ações de Ludendorff, no que tange à direção e ao comando supremo da guerra, à condução dos Exércitos Confederados na Primeira Guerra Mundial e ao papel dos estados-maiores no desenrolar do conflito.

*Mit Gott für könig und vaterland*¹

*Tenho visto o homem crescer*²

*Ele é o maior soldado de todos os tempos*³

Otrem secreto que partiu de Zurique, a 9 de abril de 1917, conduzindo Vladimir Ilitch Ulianóv (Lenin) ao encontro de seu destino revolucionário, cruzou o território alemão – em guerra – sem ser molestado. Salvaguardas haviam sido providenciadas pelo 1º Subchefe do Estado-Maior Geral alemão, General Erich Friedrich Wilhelm von Ludendorff, que, inten-

tando fomentar uma guerra civil na Rússia e, assim, retirá-la da Primeira Guerra Mundial, contribuiu diretamente para *os dez dias que abalaram o mundo*.

A 9 de novembro de 1923, Adolf Hitler liderou um infrutífero *putsch* em Munique, tentando levar os nazistas ao poder, pela força. A polícia bávara dispensou os *camisas-pardas* de Hitler a tiros e o futuro ditador foi condenado a cinco anos de prisão. Mas a seu lado, naquele dia, marchava impávido alguém que, pouco depois, muito o ajudaria em sua escalada: o General Ludendorff.

Para compreender as idéias de Ludendorff, mister é retroceder-se à consolida-

ção do Império Alemão e recordar o ideário militar prussiano. Só então se poderão discutir seu pensamento e suas ações – propósito deste ensaio – no tocante à direção e ao comando supremo da guerra, à condução dos exércitos confederados, durante a Primeira Guerra Mundial, e ao papel dos estados-maiores durante a guerra.

A Consolidação do Império Alemão

O Congresso de Viena, realizado em 1815, visava a refazer o mapa da Europa, após as guerras napoleônicas. Data daí o surgimento da Confederação Germânica, com trinta e oito

* Capitão-de-Mar-e-Guerra, Fuzileiro Naval. Sócio-efetivo do IGMB.

1. "Com Deus, pelo Rei e pela Pátria". Divisa mantida permanentemente inscrita por Ludendorff em seu capacete.

2. Ludendorff sobre Hitler.

3. Hitler sobre Ludendorff.

Estados, sob o controle da Áustria (Fig. nº 1).

Um desses Estados, a Prússia, viria a constituir o núcleo em torno do qual se formaria o Império Alemão, pela atuação política de Otto von Bismark, Presidente do Conselho de Ministros do Rei Guilherme I.

Vencedora em sucessivas guerras, logrou a Prússia extinguir a hegemonia austríaca e consolidar a unidade alemã, dissolvendo a Confederação Germânica (Fig. nº 2).

A 18 de janeiro de 1871 – paradoxalmente no Palácio de Versalhes, em Paris – Guilherme I de Hohenzollern era coroado Imperador da Alemanha. E Bismark, alçado à condição de príncipe, foi nomeado Chanceler, posto que ocuparia até 1890.

É difícil não entrever, a partir de 1871, uma intensificação do *pan-germanismo* e do expansionismo territorial alemão que influenciaram o caráter de Ludendorff – nascido em 1865.

Paralelamente ao crescimento político, ocorreu na Alemanha, a partir de 1871, um vigoroso surto industrial, que a colocou, por volta de 1910, em posição de grande destaque mundial, causando apreensões a ou-

tras potências, como Inglaterra e França.

Multiplicaram-se, em larga escala, as produções de carvão e de minério de ferro, as ferrovias, os postos telegráficos, e a urbanização – a população, antes predominantemente rural, passou a habitar cidades, que cresciam vertiginosamente.

Era natural, pois, a existência de um quadro de otimismo, de nacionalismo exacerbado, entre os alemães. Por outro lado, floresciam massas urbanas e uma *burguesia* economicamente forte, umas e outras fruto da industrialização e da urbanização. Esse processo de transformações sócio-econômicas ameaçava a posição de prestígio da ultraconservadora aristocracia militar prussiana que, se antes procurava mobilizar o Exército apenas com representantes da *nobreza* (particularmente os *junkers* aristocratas rurais), foi forçada a estender a base social do estamento militar, miscigenando-se com a *burguesia*.

Nesse quadro sócio-político-econômico foi que Ludendorff, filho de pai humilde e de mãe nobre, porém arruinada (família Tempelhoff – uma pré-miscigenação?) cresceu e se aculturou.

Mas recordemos agora o secular *belicismo* germânico.

O IDEÁRIO MILITAR PRUSSIANO

Para compreender o pensamento de Ludendorff, parece-me importante mencionar, antes, sete personagens históricos: Frederico II, o Grande; Napoleão Bonaparte; Gerhard von Scharnhorst; August Neidhardt von Gneisenau; Karl von Clausewitz; Helmut Karl Bernhard von Moltke; e Alfred von Schlieffen.

Frederico, o Grande, foi um genial estrategista, cuja imagem de resistência na adversidade, de trabalho árduo nos treinamentos, de paz e das grandes vitórias em guerra, foi essencial para a autoconfiança tradicional do Exército alemão.

Napoleão Bonaparte – e, muito provavelmente, também, Jomini – influenciou decisivamente o pensamento militar alemão, particularmente no campo da estratégia, pelo simples fato de Frederico II não ter preparado estrategistas que o sucedessem.

Scharnhorst reorganizou o Ministério da Guerra alemão, em 1806, destacando o papel do estado-maior geral (EMG). Foi ele o criador da

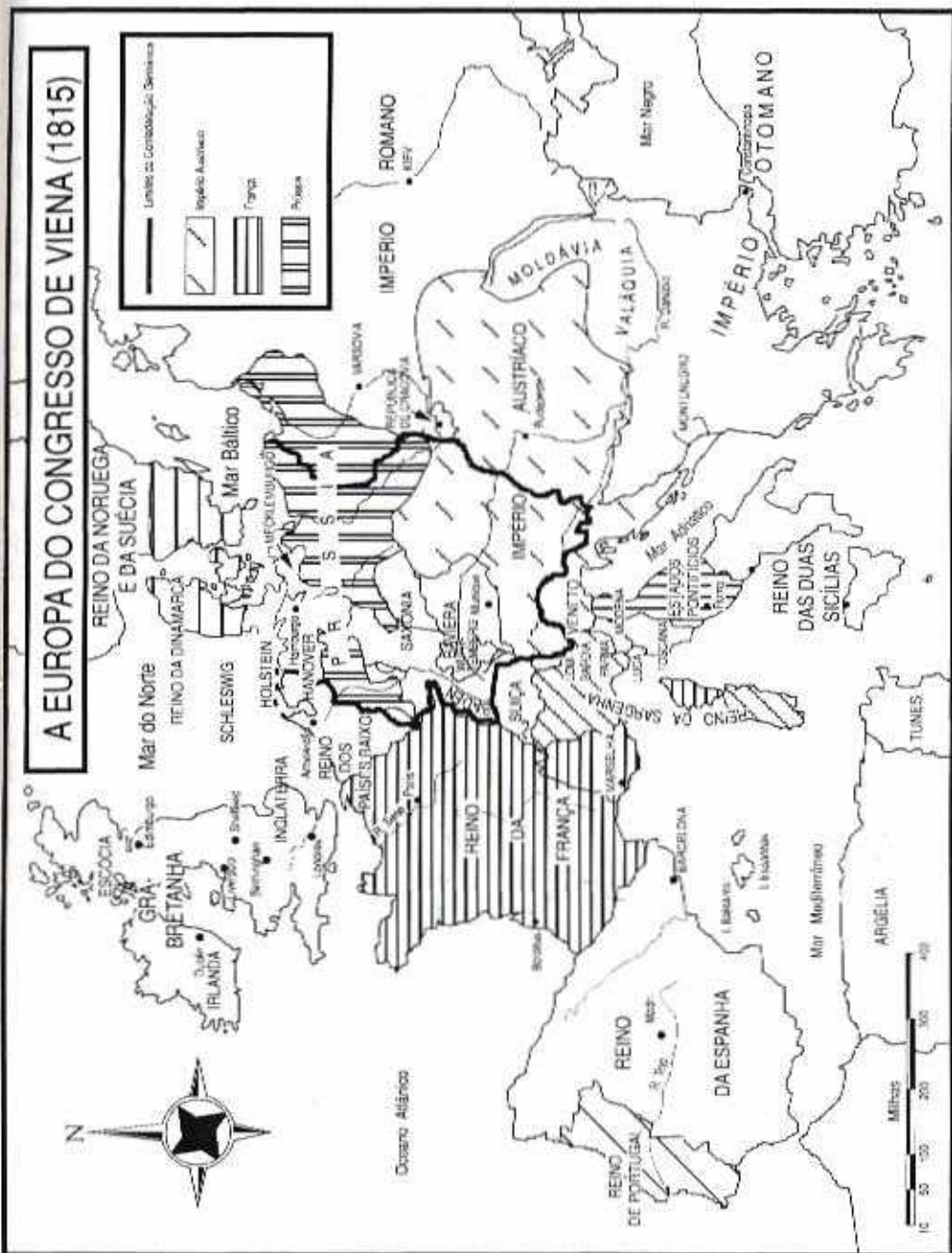


Figura 1

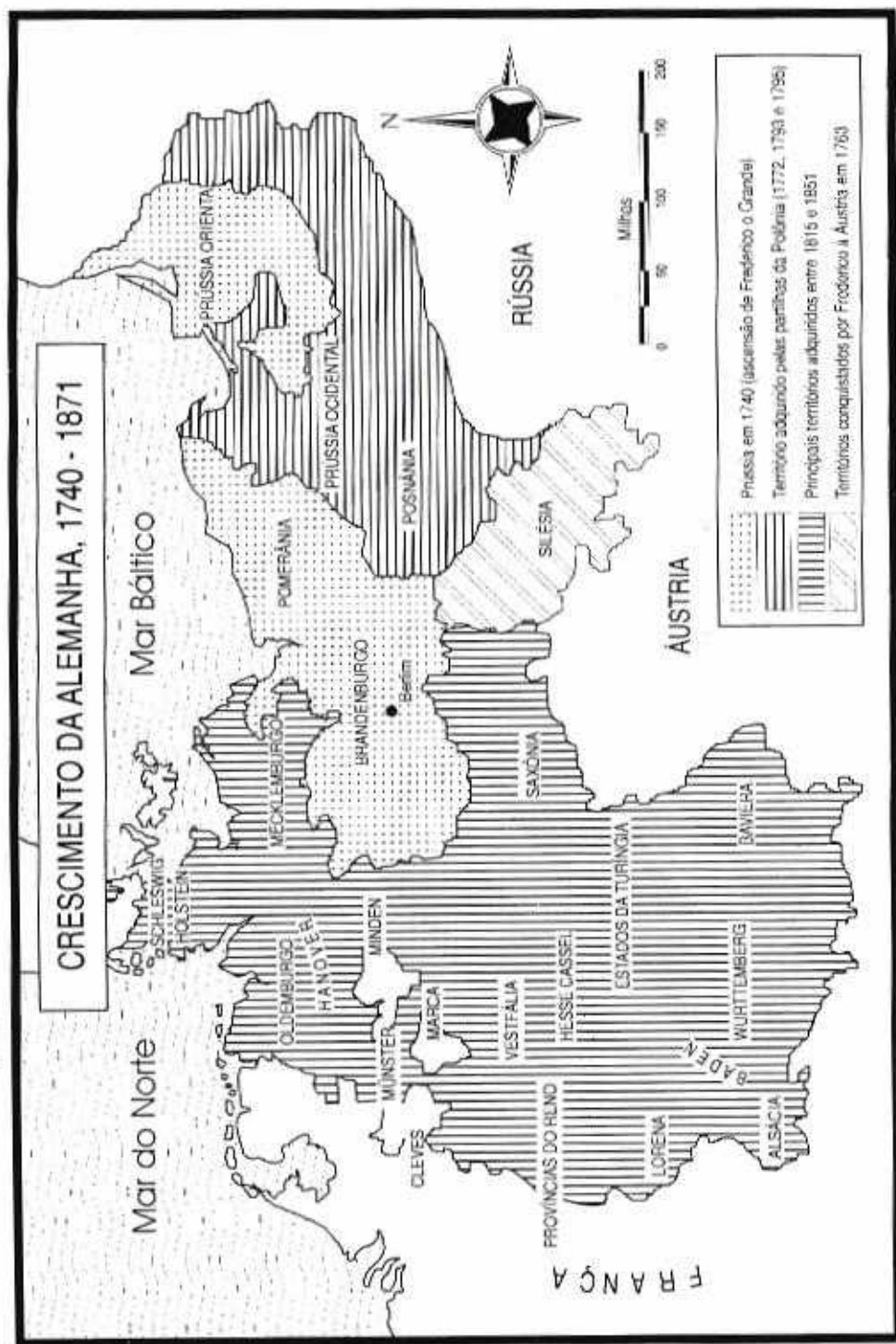


Figura 2

Seção de Mobilização, que Ludendorff ocupava ao início da Primeira Guerra Mundial, responsável por planos de organização, adestramento, inteligência, topografia, tática e estratégia.

Gneisenau chefiou o EMG entre 1813 e 1815. Sucessor de Scharnhorst, aprimorou o seu trabalho. Sua contribuição maior foi no campo de batalha, onde demonstrou grandes perspicácia e determinação.

Clausewitz não pode deixar de ser mencionado em qualquer trabalho sobre Ludendorff, visto que a idéia central de toda a obra do último é precisamente o oposto do ideário do primeiro.

Segundo Clausewitz, que dirigiu a Academia Militar de Berlim entre 1818 e 1830, *a guerra não é nada mais que a continuação da política por outros meios* – vale dizer, a guerra deve se subordinar à política.

Já Ludendorff, em seu livro *A Guerra Total*, afirma que *as idéias de Clausewitz devem ser todas substituídas. A guerra e a política servem à conservação do povo, mas a guerra traduz a suprema expressão de vontade de vida racial. Eis porque a política deve servir à guerra.*

Moltke serviu no EMG entre 1858 e 1894. Seu grande mérito foi ter desenvolvido intensamente as rodovias e ferrovias germânicas, visualizando – e materializando – a incrível mobilidade estratégica que delas adviria para seus exércitos. Quanto à *guerra em duas frentes*, preconizava um ataque inicial à Rússia, mantendo na Alsácia-Lorena um pequeno esquema defensivo, porque acreditava em uma vitória mais fácil e curta contra os russos do que contra a França.

Schlieffen, de quem Ludendorff foi subordinado e grande admirador, chefiou o EMG entre 1894 e 1905. Nesse último ano, desenvolveu o famoso *Plano Schlieffen*, aperfeiçoado por Ludendorff, onde preconizava exatamente o oposto de Moltke – o primeiro ataque deveria ser contra a França, como ocorreu na Primeira Guerra Mundial.

Em 1905, o Kaiser Guilherme II (1888-1918) substituiu Schlieffen por Helmuth von Moltke, sobrinho do famoso marechal já mencionado, de mesmo sobrenome. Grande empatia se estabeleceu entre ele, mais culto e politizado, e Ludendorff, mais enérgico, aguerrido e ambicioso. Data daí o inf-

cio do crescente prestígio de Ludendorff, que chefiava a 2ª Seção do EMG, e, em época de conflito, assumiria a Chefia de Operações.

Havia sinais inequívocos de que a guerra estava próxima, Ludendorff passou, então, a trabalhar no Plano Schlieffen, e de tal forma o aprimorou que, logo ao início do conflito, permitiu aos alemães a vitória sobre a fortaleza belga de Liège.

Esse seu primeiro sucesso militar, em que, de assessor de um Comandante de Exército, passou, inesperadamente, a Comandante de uma Brigada – por sua própria iniciativa – iria impulsionar sua ascensão política e militar, até o fim da guerra.

O Homem e sua Obra: Dirigindo a Guerra Total

Nascido em 9 de abril de 1865, Ludendorff ingressou, em 1877, na Escola de Cadetes de Plön.

Iniciada a Primeira Guerra Mundial, já como major-general, foi enviado ao QG do General Emmich, que deveria comandar o ataque a Liège, para assessorá-lo, já que era o aperfeiçoador do plano, como já mencionado. Aqui se iniciou a fase do *Soldado em Ascensão*, que será vista no tópico seguinte.

Ludendorff, pode-se dizer, escreveu em três planos: *reminiscências*, em que procurou destacar sua própria estatura como general e polemizar com seus críticos (*Souvenirs de Guerre e Documents du G.Q.G Allemand*); *desmascaramento* (principalmente *Ludendorff's own story*), em que amplificou seus preconceitos contra a Maçonaria, os Judeus, os Jesuítas e a Cristandade em geral, apresentando-os como *as sinistras forças que teriam sido responsáveis pela derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial*; e *profecias*, em seu livro *A Guerra Total*, de 1935, onde Ludendorff assinalou as condições que o teriam habilitado a operar mais efetivamente, na Primeira Guerra Mundial, se tivessem sido seguidas pelo alto comando alemão.

A par do despropósito de algumas colocações, como a de que *a política deve se subordinar à guerra*, certas proposições de Ludendorff em *A Guerra Total* podem ser, efetivamente, consideradas um tanto ou quanto *proféticas*, nos campos da mobilização e da Guerra Psicológica. Isso fica mais claro nos *cinco pontos* que, segundo ele, resumiriam a guerra total:

A guerra é total porque:
 1º - *o teatro de guerra se estende por todo o território das nações beligerantes, envolvendo a participação ativa de toda a população no esforço de guerra, ou seja, não são os exércitos, e, sim, as nações, que fazem a guerra total;*
 2º - *o prosseguimento da guerra total requer a adaptação do sistema econômico aos fins da guerra;*
 3º - *a participação das grandes massas na guerra exige o emprego da propaganda, para fortalecer o moral no próprio país e debilitar a coesão política no país inimigo;*
 4º - *a preparação para a guerra total deve começar antes do início das hostilidades, pois as guerras econômica, psicológica e militar influenciam as atividades da sociedade no período de paz;*
 e 5º - *para lograr um esforço de guerra integral e eficiente, a guerra total deve ser dirigida por uma autoridade suprema, a do Comandante-em-Chefe, que dirigirá as operações militares a política exterior e a economia, além do sistema de propaganda.*

Em meu entender, não há como negar o 2º, o 3º e o 4º pontos, atinentes, respectiva-

mente, à importância do poder econômico, da arma psicológica e do preparo para a mobilização, antes e durante um conflito; as *profecias* de Ludendorff, nesses três aspectos, vêm sendo confirmadas desde a Segunda Guerra Mundial.

O 1º ponto me parece equivocado. Creio que Ludendorff foi *axiomático*, em termos *absolutos*, sobre uma idéia que é *relativa*. Os EUA, por exemplo, participaram de várias guerras, sem que seu território fosse atingido. Para os norte-americanos, pois, a guerra não teria sido *total*, como entendida por Ludendorff, mas tê-lo-ia sido para seus adversários - Coréia, Vietnã etc.

O 5º ponto, por fim, me parece absurdo. Se admitirmos que: Política Nacional é a arte de traçar Objetivos Nacionais; os Objetivos Nacionais podem se consubstanciar em uma única idéia - a da busca permanente do Bem-Comum; e a Estratégia Nacional é a arte de aplicar o Poder Nacional (soma dos recursos de uma nação), na conquista e preservação do Bem-Comum, inibindo antagonismo internos e externos a esses propósitos, não é difícil ver a guerra como *uma aplicação violenta*

ta do Poder Nacional, contra esse antagonismo, visando, precisamente, a manter os Objetivos Políticos já alcançados. Portanto, a guerra é um instrumento, um meio, uma forma de se conquistar ou preservar o que foi definido pela Política e, não, um fim em si mesma. Conseqüentemente, é a guerra, como preconizava Clausewitz, que deve se subordinar à Política, ao contrário do que dizia Ludendorff. Uma outra idéia de Ludendorff que me parece correta e interessante é a da imperiosidade da *coesão anímica do povo* para a guerra. Um longo capítulo é dedicado a esse assunto, em *A Guerra Total*, onde o general cita o exemplo japonês, fundamentado na religião xintoísta, que, *emanando das raízes raciais japonesas, corresponde às aspirações do povo e às necessidades do Estado*.

Sobre *direção e comando supremo da guerra*, creio que os cinco pontos analisados esgotam o assunto. Voltemos, pois, à biografia, recordando agora os períodos de 1914-1916 e 1916-1918.

O Soldado em Ascensão (1914 - 1916)

Falar de Ludendorff é falar da Primeira Guerra Mun-

dial. Todo o seu pensamento reflete as experiências desse conflito. É importante destacar que, na *front* ocidental, ocorreu uma *estabilização*, pela guerra de tricheiras, com pesadas perdas para ambos os lados; já na *front* oriental houve *mobilidade* (Fig. nº 3). Mas vejamos como os fatos, a leste e a oeste, contribuíram para a ascensão de Ludendorff:

- *No front ocidental* o insucesso na Batalha do Marne levou à queda de Moltke, substituído por Falkenhayn na chefia do EMG; seguiram-se a 1ª e a 2ª Batalha de Yprés (12.10.1914 e 21.04.1915), após as quais o novo Chefe do EMG *planejou o grande morticínio de Verdun, o mais sangrento da História*, de 21.02. a 18.12.1916; ali, os franceses, sob o comando do Marechal Pétain, resitiram heroicamente, tendo como divisa *Ils ne passeront pas* (eles não passarão); o desastre de Verdun levou à queda de Falkenhayn, já em meio à grande ofensiva aliada do Somme (01.07. a 18.11.1916);

- *No front oriental* o Guilherme II havia nomeado o afamado Marechal Hindenburg para comandar o 8º Exército, tendo como Chefe do Estado-Maior o

General Ludendorff. Sucederam-se rapidamente as vitórias contra os russos: Tannenberg (26.08.1914), derrotando o General Samsonov; Lagos Mazurianos (10 a 13.09.1914); Lodz (Nov/1914), derrotando o General Rennenkampf; Batalha de Inverno da Mazúria (Fev/1915); e a tomada de Varsóvia (4 e 5.08.1915) (Fig. nº 3)

Ludendorff, promovido a tenente-general em 27.11.1915, tinha a estrela em ascensão. Seu prestígio era crescente. Com Hindenburg, formava, segundo vários autores, o par mais famoso da Alemanha, na Primeira Guerra Mundial.

Com a queda de Falkenhayn, o *Kaiser* decidiu nomear Hindenburg Chefe do EMG e Ludendorff seu 1º Subchefe. E aí ocorreu o que todos os livros pesquisados (exceto os de Ludendorff) mostram: a fraqueza de caráter de Guilherme II, mais a apatia de Hindenburg, diante da agressividade, da energia, da ambição, do voluntarismo de Ludendorff, fizeram com que as decisões do Comando Supremo Alemão fossem totalmente influenciados pelo último, que assim, se tornou virtual ditador do Império Alemão.

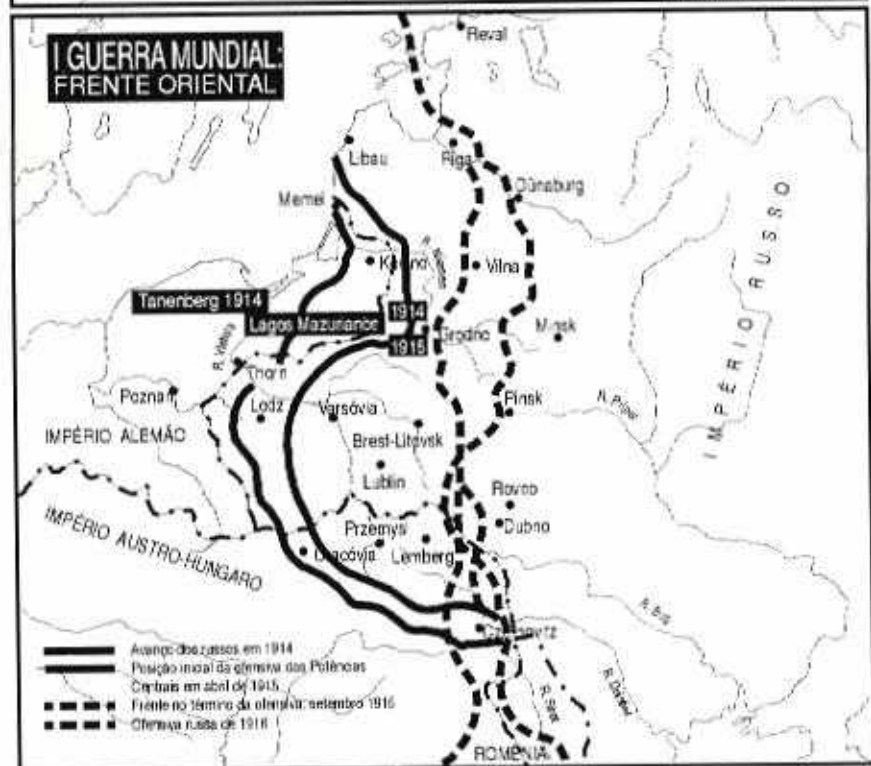


Figura 3

O Ditador (1916-1918)

Em prol da concisão, limitar-me-ei a citar os fatos que mais decisivamente contribuíram para a derrota alemã nesse período.

Ao final de 1916, o Almirante von Tirpitz desejava iniciar uma campanha submarina irrestrita, contra a Marinha britânica, no que era apoiado por Ludendorff. O ponderado Chanceler Bethmann-Holwegg era contrário, por estar certo de que isso acarretaria a entrada dos EUA na guerra.

Naturalmente, Ludendorff venceu o embate. A 09.01.1917, iniciou-se a *U-boat warfare* (guerra-submarina); a 06.04.1917, os EUA entraram na guerra. Instaurou-se dramática crise – Hindenberg e Ludendorff queriam a saída de Bethmann-Holwegg, mas o *Kaiser* hesitava. Todavia, de tal forma foi pressionado, que, a 12.07.1917, destituiu seu chanceler, substituindo-o, sucessivamente, pelos inexpressivos Georg Michaelis e Georg von Hertling, num momento em que tudo – inclusive a política externa – já se encontrava sob o domínio de Ludendorff.

O resto pertence à História: as derrotas vieram se sucedendo; o Império Alemão, exaurido pelo esforço de

guerra e tendo ainda de apoiar seus aliados mais fracos (Áustria, Bulgária e Turquia), sucumbira aos aliados, que pressionavam cada vez mais. Ludendorff reagia às propostas de paz, argumentando que *os Aliados não desejavam reconciliação e compreensão*, mas, sim, pretendiam *destruir a Alemanha*. Dessa forma, pregava que o caminho para a vitória não seria a rendição, mas a luta sem tréguas, a *conquista da paz através da guerra*.

Um profundo desequilíbrio nervoso atingiu Ludendorff. A 26.10.1918, já muito cansado e doente renunciou. No dia seguinte, o Governo alemão aceitou as condições impostas pelos EUA para a rendição. A 09.11.1918, o *Kaiser* abdicou, fugindo para a Holanda. A 11.11.1918, era assinado o armistício, em Versalhes.

A CONDUÇÃO DOS EXÉRCITOS CONFEDERADOS E ALIADOS

A figura nº 4 mostra a estrutura militar de guerra alemã durante a Primeira Guerra Mundial. Os quatro Estados Confederados do Império Alemão (Prússia, Baviera, Saxônia e Württemberg) possuíam seus próprios Ministérios da Guer-

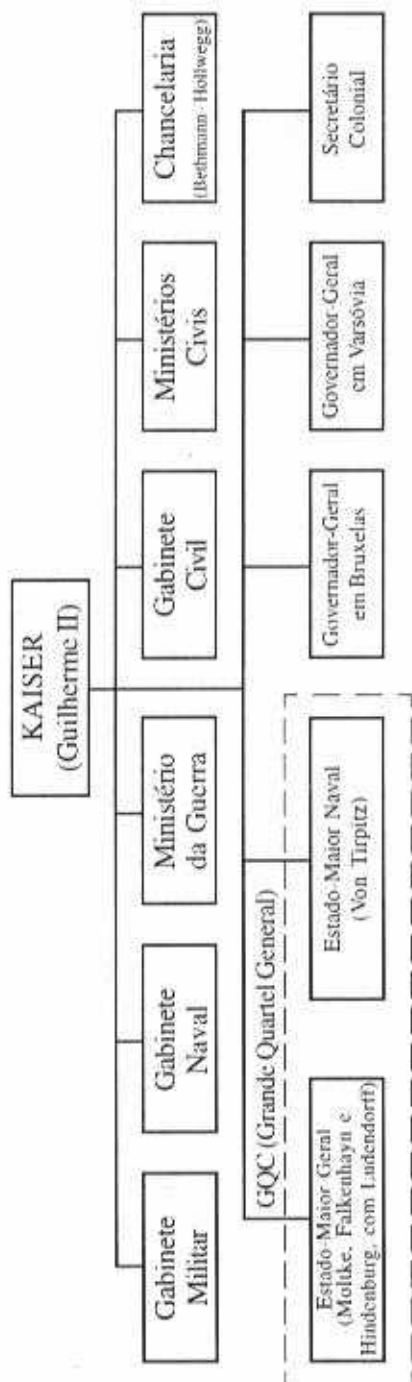
ra, que se faziam representar no EMG. Os exércitos, entretanto, formavam um só corpo, subordinado ao EMG.

O *Kaiser*, Comandante Supremo da Guerra, tinha ainda, a si subordinados: os Gabinetes Militar e Naval (que conduziam as políticas de nomeação, exoneração e condecoração de pessoal); o Ministério da Guerra, responsável pelo apoio logístico às tropas; o Gabinete Civil, órgão de ligação com os Ministérios Cívicos; o Estado-Maior Naval, que, com o EMG, compunha o Grande Quartel-General alemão e a Chancelaria.

Outros órgãos diretamente ligados ao *Kaiser* eram a Secretaria Colonial, responsável pela condução da guerra nas colônias africanas, e os Governos-Gerais dos territórios ocupados da Bélgica e da Polônia. Ambos mantinham estreita ligação com o Chanceler. Os países aliados tinham oficiais de ligação no EMG e, naturalmente, os alemães se faziam representar nos Quartéis-Generais (QG) da Áustria-Hungria, da Turquia e da Bulgária.

Ao que tudo indica, essa estrutura permitiu uma conduta eficiente das operações. Os confederados estiveram sob o comando do EMG desde o início da guerra e os ali-

Estrutura Militar de Guerra na Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial



- Rep. Austríaco: Lieutenant-Field Marshal Von Klepsh
- Rep. Búlgaro: General Gantshew
- Rep. Turco: Tenente-General Zeki Pasha
- Rep. Báváros: General Von Hartz e Gen Koberle
- Rep. Saxónico: General Von Eulitz
- Rep. Wurttemberg: General Von Graevenitz e Tenente-Coronel Holland
- Rep. Prussiano: Major Hoydekampf

Exércitos Aliados	
Áustria-Hungria	Turquia
Rep. Alemão: Gen Von Cramon	Rep. Alemão: Cel Von Massow
	Rep. Alemão: Gen Von Lassow Gen Von Tinnco (A1) Gen Von Schelleford Gen Von Seeckt

Exércitos Confederados	
Prússia	Saxônia
	Baviera
	Württemberg

Figura 4

ado
Lu
su
ra
za
on
tr
t

ados, desde 1916, quando Ludendorff e Hindenburg assumiram a direção das operações. O comando centralizado permitiu adequada coordenação de emprego das tropas aliadas, principalmente no *front* oriental, onde as distâncias eram grandes. Foram também facilitados o emprego das reservas e a transmissão de ordens. Acresça-se que, em termos qualitativos, o Exército alemão era muito superior ao dos aliados; por isso, a operação conjunta, sob controle alemão, conduzia a um aprimoramento das tropas dos demais países, mormente as turcas, que tinham chefes de EM alemães.

Em suma, a conduta unificada dos exércitos confederados e aliados foi um ponto positivo no esforço de guerra alemão.

O QUE SE VIU NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Os ensinamentos de Ludendorff sobre a condução unificada das tropas não foram seguidos, nem por Hitler e seus aliados na Segunda Guerra Mundial (Japão e Itália) nem pelo conjunto de seus opositores (EUA, Inglaterra, França, etc.). De um lado e de outro, o entendimento se dava a nível político – como queria

Clausewitz. Por outro lado, a importância da guerra psicológica, do poder econômico e da mobilização, tão ressaltadas por Ludendorff, foram rigorosamente observadas, não apenas na Segunda Guerra Mundial, mas em todos os conflitos subsequentes, inclusive na Guerra do Golfo (1991).

Das principais idéias de Ludendorff, resta analisar o papel dos Estados-Maiores (EM) na Guerra.

OS ESTADOS-MAIORES NA CONDUÇÃO DA GUERRA

O prestígio dos oficiais do EM cresceu com as vitórias prussianas do século XIX, desde que Scharnhorst destacou o papel do EMG, como visto antes. Curiosamente, a *filosofia* reinante entre os alemães era de que a *inteligência era superior à hierarquia*. Daí porque os *marechais-de-campo* – como Hindenburg – eram vistos como *medalhões*, ou *figuras decorativas*, ao passo que, aos oficiais de EM mais brilhantes – como Ludendorff – era atribuída a direção de fato das operações.

A ascensão de Ludendorff e a preeminência que exerceu sobre Hindenburg e o próprio *Kaiser* foram fruto dessa escola de pensamento, embora, por estranho que possa

parecer, Ludendorff não concordasse muito com essa *independência* dos EM em relação a seus comandantes. Sua idéia era de que caberia apenas, ao EM, assessorar, e, ao comandante, decidir – o que, em meu entender, é o correto e atual.

O CREPÚSCULO DO GENERAL

Do fim da Primeira Guerra Mundial até 20.12.1937, quando faleceu, Ludendorff viveu tempestuosa e improdutivamente. Divorciou-se de Margerethe e, a 14.09.1926, casou-se com a ideóloga nazista Mathilde von Kemnitz. Indispôs-se com todos que o cercavam, inclusive o velho amigo Hindenburg, que o derrotou nas eleições à presidência da Alemanha, em 1925. Elegeu-se deputado pelo Partido Nazista e muito contribuiu para a ascensão de Hitler. E passou seus últimos dezenove anos de vida apontando responsáveis pela derrota da Alemanha (ou sua?) na Primeira Guerra Mundial – maçons, judeus, cristãos; enfim, quando mais justificassem a neurose persecutória que o acompanhou até o último suspiro. Um triste final.

CONCLUSÕES

Os tópicos iniciais deste ensaio mostram como Ludendorff foi um produto do

pan-germanismo que floresceu na Alemanha desde 1871 e do militarismo prussiano, cultivado desde Frederico II.

Vejo-o como grande organizador e tático. Entretanto, não foi um hábil político. É inegável que poderia ter encurtado a duração da Primeira Guerra Mundial, poupando milhares de vidas. Não o fez por sua própria intransigência.

Penso que estava correto quando afirmava que os EUA e seus aliados desejavam a destruição da economia alemã. As exigências do Tratado de Versalhes o comprovam.

Concordo com suas idéias sobre Mobilização, Guerra Psicológica, importância do Poder Econômico na guerra, con-

dução unificada de exércitos e papel do EM como assessor. Todavia, reputo como absurda a subordinação da política à guerra, tanto quanto a entrega do poder total a um militar, como explicado antes.

Assim viveu e morreu Ludendorff: mantendo em seu espírito uma devoção total a sua pátria. Mais que qualquer outro pan-germanista, manteve ele acesa a divisa *Deutschland Ueber Alles* (A Alemanha acima de tudo, ou, em tradução livre, à testa das nações).

Eis o fantástico guerreiro que, direta ou indiretamente, esteve por trás do surgimento do comunismo e do nazismo.

Não fora sua intransi-

gência, talvez a Primeira Guerra Mundial tivesse se encerrado mais cedo. Talvez a Alemanha não tivesse vivido a derrocada econômica ocorrida durante a República de Weimar. E por isso mesmo, talvez Adolf Hitler não tivesse chegado ao poder.

Restam, de Ludendorff, a lição negativa, de jamais se subordinar a política à guerra, muito menos em mãos militares, e a lição positiva de seu desassombroso patriotismo, expresso no hino que sempre entoava:

*Ich hab'mich ergeben
Mit Herz und mit Hand,
Dir Land voll Lieb'und Leben
Mein/deutsches Vaterland*⁴



BIBLIOGRAFIA

- ATLAS HISTÓRICO. São Paulo, Encyclopaedia Britannica, 1989.
- BRASIL. Escola de Guerra Naval. FI-219 - *Guia para elaboração de referências bibliográficas*. Rio de Janeiro, 1981.
- _____. FI-*Manual Básico de Redação - Guia para elaboração de ensaios*. Rio de Janeiro, 1991
- BRITO FILHO, Alcides. Clausewitz e Ludendorff: uma comparação. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 100 (1/3): 57-62, jan./mar. 1980
- BUAT, Général. *Hindenburg*. Paris, Librairie Chapelot, 1921. Original em Francês. 241 p.
- BURNS, Edward Mc Nall. *História da Civilização Ocidental/ Western Civilizations. Their History and their Culture/Trad. de Lourival Gomes Machado et alii*. Porto Alegre, Globo, 1971. 2v. 1052 p.
- EARLE, Edward Mead. *Makers of Modern Strategy*. Princeton, Nova Jersey, Princeton University Press, 1948. Original em inglês. 533p.
- GOODSPEED, D. J. *Ludendorff: soldado, ditador, revolucionário/Ludendorff/Trad. de Eloywaldo Chagas de Oliveira*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército e Editora Saga, 1968. 347p.
- LUDENDORFF, Erich Friedrich Wilhelm Von. *Ludendorff's own story*. Nova Iorque, Harper & Brothers, 1919. 2 v. 950 p. Original em inglês.
- _____. *Souvenirs de Guerre*. Paris, Payot & Cie., 1920
- _____. *Documents du G. Q. G. Allemand*. Trad. francesa de H. Mabile. Paris, Payot & Cie., 1922. 2. v. 901 p.
- _____. *La Guerre Totale*. Trad. francesa de A. Pfannstiel, Paris, Flammarion, 1935. 138 p.
- MONTEIRO, Daniel César. *Direção e Comando Supremo da Guerra vistos por Ludendorff*. Ensaio apresentado ao C-PEM/EGN-90. Rio de Janeiro, Escola de Guerra Naval, 1990, 15 p.
- OLIVEIRA, Luiz Fernando Cunha de. A Política, A Estratégia e a Guerra. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 102(1/3): 75-80, jan./mar. 1982
- THE CONCORD DESK ENCYCLOPEDIA. Nova York, Time e Concord Reference Books, 1982. 3v. 1311 p. Original em inglês.
- THE STORY OF WORLD WAR I. Nova York, American Heritage & Randon House, 1965.

4. Eu me ergui / com o coração e com as mãos / a ti terra de amor e vida / minha amada Pátria.

pan-germanismo que floresceu na Alemanha desde 1871 e do militarismo prussiano, cultivado desde Frederico II.

Vejo-o como grande organizador e tático. Entretanto, não foi um hábil político. É inegável que poderia ter encurtado a duração da Primeira Guerra Mundial, poupando milhares de vidas. Não o fez por sua própria intransigência.

Penso que estava correto quando afirmava que os EUA e seus aliados desejavam a destruição da economia alemã. As exigências do Tratado de Versalhes o comprovam.

Concordo com suas idéias sobre Mobilização, Guerra Psicológica, importância do Poder Econômico na guerra, con-

dução unificada de exércitos e papel do EM como assessor. Todavia, reputo como absurda a subordinação da política à guerra, tanto quanto a entrega do poder total a um militar, como explicado antes.

Assim viveu e morreu Ludendorff: mantendo em seu espírito uma devoção total a sua pátria. Mais que qualquer outro pan-germanista, manteve ele acesa a divisa *Deutschland Ueber Alles* (A Alemanha acima de tudo, ou, em tradução livre, à testa das nações).

Eis o fantástico guerreiro que, direta ou indiretamente, esteve por trás do surgimento do comunismo e do nazismo.

Não fora sua intransi-

gência, talvez a Primeira Guerra Mundial tivesse se encerrado mais cedo. Talvez a Alemanha não tivesse vivido a derrocada econômica ocorrida durante a República de Weimar. E por isso mesmo, talvez Adolf Hitler não tivesse chegado ao poder.

Restam, de Ludendorff, a lição negativa, de jamais se subordinar a política à guerra, muito menos em mãos militares, e a lição positiva de seu desassombrado patriotismo, expresso no hino que sempre entoava:

*Ich hab'mich ergeben
Mit Herz und mit Hand,
Dir Land voll Lieb' und Leben
Mein/deutsches Vaterland*⁴



BIBLIOGRAFIA

- ATLAS HISTÓRICO. São Paulo, Encyclopaedia Britannica, 1989.
- BRASIL. Escola de Guerra Naval. FI-219 - *Guia para elaboração de referências bibliográficas*. Rio de Janeiro, 1981.
- *FI-Manual Básico de Redação - Guia para elaboração de ensaios*. Rio de Janeiro, 1991.
- BRITO FILHO, Alcides, Clausewitz e Ludendorff: uma comparação. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 100 (1/3): 57-62, jan./mar. 1980.
- BUAT, Général, *Hindenburg*. Paris, Librairie Chapelot, 1921. Original em Francês. 241 p.
- BURNS, Edward Mc Nall. *História da Civilização Ocidental* Western Civilizations. Their History and their Culture/Trad. de Lourival Gomes Machado et alii. Porto Alegre, Globo, 1971. 2v. 1052 p.
- EARLE, Edward Mead. *Makers of Modern Strategy*. Princeton, Nova Jersey, Princeton University Press, 1948. Original em inglês. 533p.
- GOODSPEED, D. J. *Ludendorff: soldado, ditador, revolucionário*/Ludendorff/Trad. de Eloywaldo Chagas de Oliveira. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército e Editora Saga, 1968. 347p.
- LUDENDORFF, Erich Friedrich Wilhelm Von. *Ludendorff's own story*. Nova Iorque, Harper & Brothers, 1919. 2 v. 950 p. Original em inglês.
- *Souvenirs de Guerre*. Paris, Payot & Cie., 1920.
- *Documents du G. Q. G. Allemand*. Trad. francesa de H. Mabille. Paris, Payot & Cie., 1922. 2. v. 901 p.
- *La Guerre Totale*. Trad. francesa de A. Pfannstiel. Paris, Flammarion, 1935. 138 p.
- MONTEIRO, Daniel César. *Direção e Comando Supremo da Guerra vistos por Ludendorff*, Ensaio apresentado no C-PEM/EGN-90. Rio de Janeiro, Escola de Guerra Naval, 1990, 15 p.
- OLIVEIRA, Luiz Fernando Cunha de. A Política, A Estratégia e a Guerra. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 102(1/3): 75-80, jan./mar. 1982.
- THE CONCORD DESK ENCYCLOPEDIA. Nova York, Time e Concord Reference Books, 1982. 3v. 1311 p. Original em inglês.
- THE STORY OF WORLD WAR I. Nova York, American Heritage & Random House, 1965.

4. Eu me ergui / com o coração e com as mãos / a ti terra de amor e vida / minha amada Pátria.